

A participação da família na escola

Contribuições à democratização da gestão

MARIA VIEIRA SILVA*
LUCIANNNA RIBEIRO DE LIMA**

RESUMO: O artigo enfoca alternativas da gestão democrática identificando forma e conteúdo das novas composições a partir das determinações macro-sociais e da dinâmica legal e real que se processam na escola. É enfocada a participação das famílias no processo de democratização da gestão mediante o “Projeto Integrar” da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU). As reflexões colocam em relevo avanços na democratização da gestão, considerando os arenosos terrenos da democracia ocasionados pelas manifestações das políticas neoliberais e desconstrução das vias democráticas.

Palavras-chave: Democratização. Gestão escolar. Família e escola.

Introdução

O que pensam as famílias em relação à escola? Quais são as expectativas da escola em relação às famílias? Que mediações são possíveis estabelecer entre a participação das famílias na escola e a democratização da gestão? Essas e outras questões assumem centralidade nas motivações que impulsionaram as reflexões e análises presentes neste artigo. Buscamos, pois, apreender os processos que justificam os nexos e aproximações entre essas duas esferas, as quais, historicamente, têm sido espaços sociais, dentre outros, que contribuem para a construção de identidades e subjetividades das crianças e jovens.

* Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e membro do *Projeto Integrar* na Eseba/UFU. E-mail: <mvs@ufu.br>.

** Mestre em Educação. Coordenadora psicopedagógica do 2º e 3º ciclos e do *Projeto Integrar* na Eseba/UFU. E-mail: <luciannadelima@yahoo.com.br>.

Tais análises, por sua vez, são derivadas de experiências que envolvem a participação das famílias na escola, como o *Projeto Integrar: estreitando as relações família-escola*¹, realizado no âmbito da Eseba/UFU no período que compreende os anos de 2005 a 2009.

Por ser a escola um ambiente complexo e rico em relações sociais, torna-se um terreno fértil para análises de diferentes naturezas, pois, como uma teia, se interligam e se influenciam dialeticamente na constituição de sua dinâmica organizativa. Assim, várias possibilidades de temáticas sobre a gestão se revelaram e muito nos instigaram, contudo, optamos por analisar a relação entre família e escola, buscando apreender diferentes nuances presentes neste processo. Essa escolha se deu em função do pressuposto de que há uma crise de participação da família na escola. Por outro lado, tem sido consenso considerar a participação das famílias na escola como um dos elementos que poderá contribuir para o bom desempenho intelectual e afetivo dos/as aluno/as.

Um olhar relacional para essas instituições é o que propomos com as reflexões presentes neste texto, tendo como horizonte a pluralidade de formas e concepções que envolvem família e escola, as quais estão ancoradas em múltiplos valores, princípios, filosofias, convicções, crenças, leis, regras, dentre outros aspectos. Contudo, há também um significativo elo que os aproximam e que tornam comum sua existência. Ambos os espaços dividem a mesma tarefa de educar e de lidar com os difíceis territórios da emoção, da construção da subjetividade e do aprendizado dos sujeitos de acordo com suas especificidades. Como então pensarmos estes espaços?

Nas seções que se seguem nos propomos a um cruzamento de olhares sobre essas duas instituições, problematizando as bifurcações e confluências para a constituição do sujeito. Colocaremos em relevo algumas alternativas em construção, as quais buscam viabilizar a participação da família na escola como um dos mecanismos constitutivos de uma gestão democrática.

Famílias, no plural

A estrutura familiar, bem como a sua função social, é um constructo histórico. Isso equivale a dizer que a família, de acordo com o tempo e a sociedade na qual está inserida, organiza-se de forma peculiar com vistas a atender às necessidades e valores dessa mesma sociedade. Assim, não há como compararmos uma família pertencente à sociedade tribal, com uma família medieval ou, ainda, uma família contemporânea. São momentos e lugares históricos diferentes que interferem na organização dessas famílias e nos papéis desempenhados por seus membros.

Historicamente, o papel da família na educação dos filhos assumiu um lugar central. Além das normas, valores, crenças, filosofias e regras veiculadas pela famí-

lia é também esta instituição uma das principais responsáveis pela socialização das crianças no contexto escolar.

Segundo Prado (1981, p. 52),

a família, como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo, de apoio e solidariedade. Mas apresenta, ao lado destes, aspectos negativos, como a imposição normativa através de leis, usos e costumes, que implicam, muitas vezes, em elemento de coação social, geradora de conflitos e ambiguidades.

Para o autor, apesar dos conflitos, a família é essencial no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência. A ênfase nesses períodos ocorre, justamente, por serem mais críticos na constituição da identidade do sujeito, para o qual a família poderá servir de referência no processo de desenvolvimento.

Minuchin (2000) entende família um núcleo ímpar, criador de uma cultura própria, onde cada pessoa que a compõe, além de compartilhar desses mesmos ideais e comportamentos, tem suas próprias emoções e significações do cotidiano doméstico. Esses diferentes universos se entrelaçam e formam um jeito de viver e conviver que, ao mesmo tempo que conta, omite seus dramas, suas dores, seus sabores.

Ao debruçarmos sobre essa temática é necessário considerar um conjunto de determinantes da nossa realidade concreta, os quais, cada vez mais, exigem o desenvolvimento de outros olhares para as novas configurações da esfera familiar.

De acordo com Medina (2002) poucas instituições conheceram mudanças tão significativas como a família em uma geração: o seu tamanho se reduziu e ela se tornou menos estável no que se refere à contribuição do casal conjugal. O casamento passou a ter um papel social menos central e o “companheirismo” tornou-se corrente e aceito. Além disso, ganhou terreno a igualdade entre os sexos. A sociedade, antes marcada por uma distribuição forte entre os sexos e uma divisão clara entre trabalho produtivo e reprodutivo (atividades domésticas) se transformou, ocasionada pela histórica luta em prol da política de emancipação da mulher, o que levou a uma redistribuição importante, embora ainda com limites, das atividades profissionais e privadas.

Ainda de acordo com o autor, falarmos sobre a família atual exige, de início, que se registre não existir um “modelo” de família, e sim uma diversidade de modelos familiares singulares, com identidades próprias, mas que mantêm entre si inúmeros traços em comum. Mas, afinal, quais foram as mudanças que ensejaram a reconfiguração das famílias? Quais as novas características da estrutura familiar contemporânea?

Medina (2002) elenca múltiplos contornos das mudanças da instituição familiar em curso no tempo presente. No âmbito privado, houve a perda da exclusividade feminina das funções domésticas, permitindo-se e, ali, justificando-se, a entrada do

homem. Este se tornou mais atuante, tanto na educação dos filhos, quanto na gestão cotidiana do “lar”.

Ainda segundo o autor, entre as transformações ocorridas na família temos

(...) casal sem filhos; casal temporário com filhos; famílias extensas; famílias uniparentais; casal homossexual com ou sem filhos; recasamento de avós, antes separados; forte mobilidade geográfica e social dos membros da família; igualdade entre os sexos. (MEDINA, 2002)

O autor assegura ainda que não há critérios para se julgar as consequências desses modelos de família em curso, mas se desejamos a parceria entre a escola e a família temos de reconhecer suas diferentes características e descobrir as pontes possíveis existentes entre esses dois universos.

A partir dessas novas configurações da estrutura familiar, utilizar terminologias como “família desestruturada” para se referir a alguma composição familiar distinta do padrão historicamente legitimado não encontra mais repercussão, pois presenciamos um conjunto de novos e diferenciados arranjos familiares existentes em nosso meio social. Sob tal perspectiva, cabe aos profissionais da educação compreender as famílias dos(as) seus(as) alunos(as) como portadoras de semelhanças e diferenças, e respeitar a constituição da família de cada aluno dando-lhes tratamento equitativo.

Um olhar sobre o espaço escolar

Não é possível enumerar todos os “fios” presentes nas diversas concepções e matrizes teóricas oriundas de diferentes campos do conhecimento (Pedagogia, História, Sociologia, Filosofia, Psicologia, dentre outros) que se inter-relacionam e se materializam no fazer pedagógico. É possível, no entanto, para efeito de análise, indicar algumas dimensões do pensamento pedagógico acerca do espaço escolar.

O espaço escolar guarda muitas aproximações com o espaço familiar, fundamentalmente porque ambos estão imbuídos na tarefa de educar. Todavia, a dimensão de educação presente na escola possui singularidades, principalmente porque lida, sobretudo, com a educação formal, sistematizada mediante a veiculação de dimensões epistemológicas do conhecimento pelo currículo.

O currículo escolar pode ser visto como um importante instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação, de transformação e de renovação dos conhecimentos historicamente acumulados, como para socializar as crianças e os jovens segundo valores tidos como desejáveis.

Assim, diferentes concepções de currículo escolar com filiação em determinadas matrizes teóricas tem se desenhado no cenário educacional, desde abordagens teóri-

co-conceituais como a perspectiva do Positivismo, ou do Neomarxismo até vertentes referenciadas em teorias pós-modernas. Na primeira abordagem há um predomínio do enfoque tecnicista com ênfase na racionalidade produtivista. As duas outras abordagens desenvolveram teorizações visando “colocar em xeque” o pensamento e a estrutura educacional tradicionais, inspirando novas experiências educacionais e efetuando inversões nos fundamentos das teorias tradicionais.

Na perspectiva política postulada por Apple (1982) e Silva (1999), uma questão central para o currículo refere-se ao *por quê?* indagando sobre a validade de determinados conhecimentos e questionando: por que esse conhecimento é considerado importante e não outros? “[...] e para evitar que esse ‘por que’ seja respondido simplesmente por critérios de verdade e falsidade, é extremamente importante perguntar: ‘trata-se do conhecimento de quem?’. Quais interesses guiaram a seleção desse conhecimento particular? Quais são as relações de poder envolvidas no processo de seleção que resultou nesse currículo particular? (Silva, 1999, p. 47).

Segundo Moreira (2000), as análises críticas de autores do campo de currículo centram-se, fundamentalmente, nas relações entre conhecimento escolar e poder, procurando entender como o currículo contribui para reforçar divisões sociais referentes à classe social, etnia e gênero:

questionam, nessa abordagem crítica, a cultura erudita, as disciplinas tradicionais e seus conteúdos, chegando-se mesmo a colocar em xeque a própria racionalidade com que a escola vem trabalhando. Definidos pelos que detêm o poder, os currículos são vistos como construções históricas e como instrumentos de controle de grupos subalternizados. (p. 43)

O currículo escolar não apresenta, pois, uma conceituação única e verdadeira, podendo ser referenciado a partir de diferentes concepções. Geralmente, por currículo se entende o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos (saberes, competências, representações, tendências e valores) transmitidos nas práticas pedagógicas (de modo explícito ou implícito) e nas situações de escolarização.

As decisões curriculares acerca de *o quê ensinar?* têm se tornado constantemente alvo de preocupação dos profissionais da educação, como também dos pesquisadores do campo de currículo. Contudo, Silva (1999) ressalta que a pergunta “*o quê*” nunca deve estar separada de pergunta “*o que eles ou elas devem ser?*” ou melhor, “*o que eles ou elas devem se tornar?*” Para o autor, a escola também contribui para a produção das identidades e das subjetividades de seus alunos. É possível, pois, que este seja um dos aspectos fundamentais que justifica a parceria entre a escola e a família, pois aqui alicerçam pontos importantes na constituição de um consenso mínimo em torno dos valores, princípios, atitudes, comportamentos, crenças e convicções comuns partilhados por essas instituições.

Integração da família à escola: a gestão democrática

A organização e a gestão do trabalho escolar constituem um conjunto de práticas, imbricadas e ancoradas em opções políticas, que viabilizam as condições e meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que se materializem as metas, proposições e objetivos esperados.

Paro (2001), lembra-nos que no senso comum de uma sociedade autoritária, a gestão aparece ligada a relações de mando e submissão, mas não é isso que lhe dá a especificidade e a razão de ser. Segundo o autor, ao administrar, ou ao gerir, utilizam-se os recursos da forma mais adequada possível para a realização de objetivos determinados. Assim, o autor coloca em relevo duas dimensões que devem ser elementos constitutivos da gestão: a ética e a liberdade. No campo da ética, trata-se de garantir, pela educação desenvolvida na escola, o contato com a mais ampla, complexa e rica variedade de concepções que apontem para o constante desenvolvimento de novos valores comprometidos com uma sociedade melhor. No campo da liberdade, o papel da gestão escolar está inextricavelmente ligado à democracia, não apenas porque, pela educação, faculta-se ao educando o acesso à ciência, à arte, à tecnologia e ao saber histórico, mas porque pode propiciar a aquisição de valores e recursos democráticos necessários à convivência pacífica entre os homens em sociedade.

Obviamente, esses princípios preconizados por Paro (2001) são almejados por grande parte dos adeptos à gestão democrática, mas tais dimensões encontram-se vulneráveis na sociedade contemporânea, necessitando lastros de construção. Vale ressaltar que vivemos um momento de transgressão ou minimização de elementos constitutivos da ética e da liberdade, conforme as acepções acima mencionadas. Há hoje, de forma crescente, uma tendência em confundir gestão democrática com os processos de gestão compartilhada e que, sob a égide das políticas neoliberais, cada vez mais, transfere-se para a comunidade a responsabilidade pela viabilização de recursos financeiros e mesmo de ações pedagógicas pautadas no voluntarismo e na filantropia. Embora seja um discurso bastante sedutor, a participação do voluntariado, a filantropia e todo tipo de parceria, seja ela com organizações não governamentais (ONG's), empresas ou fundações, requer a agudização do senso crítico para que não sejamos envolvidos pelo "canto da sereia", ou seja, não podemos nos permitir a uma atitude de ignorância ou de desatenção perante esses acontecimentos, os quais materializam-se de forma tácita e sutil.

Segundo Silva (2008) o que há de nocivo nesses discursos e nessas práticas, dentre outros aspectos, é que a gestão escolar assume uma perspectiva eminentemente gerencial com uma regulação efetuada também pelos fornecedores privados. Assim, esvazia-se a dimensão política da oferta da educação e nessa processualidade há o

deslocamento da esfera dos direitos para a esfera dos serviços. O *homo pedagogicus* é sujeitado e redefinido sob as mesmas referências empresariais e mercadológicas. A gestão escolar torna-se crescentemente permeável às atividades de gerenciamento levando para as margens as perspectivas político-pedagógicas, alimentando e legitimando no interior da escola atitudes de desqualificação à dimensão política do trabalho pedagógico por parte de seus profissionais.

O universo escolar não é produzido, contudo, por práticas homogêneas e estáticas, há diversos olhares, posturas e concepções que se entrecruzam. Somando-se a essa perspectiva neoliberal, há ainda diferentes tendências de gestão escolar que se encontram, se mesclam ou se opõem, e muitas vezes se manifestam como opositores ou complementares, e, em outras situações aparecem com mais evidência as dimensões autocrática ou democrática.

A dimensão autocrática se estabelece, sobretudo, nos processos gestoriais em que há um predomínio da postura de um líder fechado em si mesmo com poderes ilimitados e absolutos. Nessa dimensão gestorial prevalecem práticas lineares, hierarquizadas e burocratizantes do processo educativo. Os gestores escolares assumem uma postura predominantemente fiscalizadora, fisiologista e mandatária e concebem a escola como um espaço neutro, negando os dissensos, os conflitos com o propósito de alcançar índices satisfatórios de eficácia, numa perspectiva gerencialista. (SILVA, 2008)

Ao contrário desta, a gestão democrática se traduz pelo governo baseado na distribuição equitativa do poder e se caracteriza pela soberania do grupo, pela divisão dos poderes e pelo controle do autoritarismo. A gestão democrática é caracterizada por diferentes dispositivos gestoriais que assumem igual importância para a dinâmica escolar: a constituição dos conselhos; o provimento do cargo de diretores por meio de eleição; a constituição ou revigoração dos órgãos colegiados e grêmios estudantis; a elaboração e operacionalização do projeto político-pedagógico (PPP) da escola; a participação das famílias nos diferentes espaços da gestão. Quanto ao processo de integração entre as escolas e famílias, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, reza que:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica (...);

VI - **articular-se com as famílias e a comunidade**, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - **Informar os pais e responsáveis** sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como **sobre a execução de sua proposta pedagógica**. (BRASIL, 1996, grifo do autor).

A temática sobre os processos de integração entre famílias e escolas também aparece no artigo 13 desta mesma Lei, na matéria que aborda as atribuições dos docentes “Os docentes incumbir-se-ão de: (...) VI- “colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade”. A integração entre famílias e escola é uma das novidades da LDB por meio de dispositivos legais para o processo de democratização da gestão escolar. Contudo, ainda são tênues os avanços nesta área por motivos de natureza diversa.

A menção à legislação visa apenas ilustrar que a integração família-escola é uma conquista histórica da gestão democrática, alcançando um patamar de direito das famílias na participação do PPP. No entanto, acreditamos que, para além da dimensão legalista, esta conquista deve ser pautada pela legitimidade dos desejos desses dois espaços desenvolverem diálogos e reflexões sobre a educação das crianças e adolescentes que os têm como referência de sua formação. Na próxima seção, enfocaremos a contribuição da família na democratização da escola, mediante a materialidade de um projeto com famílias vivenciado no âmbito da Eseba/UFU.

Vale destacar que a Eseba/UFU é um dos dezesseis Colégios de Aplicação vinculados às universidades brasileiras. Atualmente é composta por cerca de 120 servidores e 930 alunos, da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. É considerada como referência de escola pública de qualidade em Uberlândia e região.

Participação das famílias na gestão da escola: caminhos em construção

Contar com a participação da família no cotidiano escolar é, sem dúvida, um privilégio para ambas as instituições. Não se pode negar que os protagonistas deste processo são os alunos e os professores e, claro, o processo ensino-aprendizagem.

Não raro nos deparamos com pais que se surpreendem diante de posturas assumidas pelos filhos na escola, como se estivessem conhecendo outras facetas de sua prole. Por outro lado, professores se surpreendem em seus papéis, ao incorporarem funções que não consideram sua responsabilidade. Configura-se, pois, a idealização por parte de vários sujeitos: professores, alunos, pais ou responsáveis depositam expectativas uns nos outros, gerando insatisfações e distanciamentos.

Na tentativa de favorecer aproximações entre família e escola, algumas ações têm sido propostas pela Eseba/UFU: projetos destinados às famílias, revitalização da Associação de Pais e Mestres (APM), atendimento a pais, utilização da comunicação via bilhetes e agendas dos alunos, participação das famílias na elaboração do PPP².

Partilhando de uma concepção de gestão democrática, o “*Projeto Integrar: estreitando as relações família-escola*”, ao longo de quatro anos, tornou-se um importante

espaço de participação das famílias na escola. No decorrer do ano letivo de 2005, os professores de 3º ano do Ensino Fundamental da Eseba, juntamente com a psicóloga do Setor de Apoio Psicopedagógico e Social (SEAPPS) e coordenadora da CARO ALUNO, se viram diante de algumas dificuldades que estavam interferindo na condução da proposta pedagógica da escola, as quais foram identificadas em comportamentos das crianças, a saber: indisciplina e ausência de limites, baixa motivação para as atividades escolares, conflitos nas relações interpessoais, acesso livre à Internet e outros meios de comunicação, questões afetivo-sexuais, dentre outros. Diante desse cenário, as famílias foram convidadas a constituir com representantes da escola um grupo de reflexão e discussão em torno de tais aspectos, o que culminou no surgimento do *Projeto Integrar*, cujas ações podemos categorizar nos seguintes eixos:

- 1) Integração e lazer;
- 2) Formação e Informação;
- 3) Contribuição aos Processos Pedagógicos em âmbito intra-escolar;
- 4) Gestão da escola.

No âmbito das atividades de *Integração e lazer* realizamos, em 2006, o evento “Piquenique no Parque do Sabiá” (Foto 1) no qual foram feitas dinâmicas de grupo com o propósito de proporcionar a interação entre pais/responsáveis, filhos e profissionais da escola. Realizamos também, neste mesmo ano, um passeio ecológico no Parque Siqueirolli, com a participação do Grupo de Escoteiros do Triângulo (Foto 2), que teve uma contribuição bastante expressiva ao propor atividades com o intuito de repensar a afetividade nas relações interpessoais. Nesse evento, contamos com uma participação expressiva das famílias, funcionários e professores da escola, indicando o forte potencial do trabalho coletivo.

Em 2007, a equipe do *Projeto Integrar* se ampliou com o ingresso de novos integrantes, pais/responsáveis e professores das turmas dos quartos e quintos anos e suas respectivas famílias. Retornamos ao Parque do Sabiá para uma “caminhada ecológica” (Fotos 3 e 4) na qual, além das motivações de caráter lúdico e integracionista entre família e escola, tínhamos ainda como alvo as dimensões formativas acerca da preservação do meio ambiente. Durante esse processo, a equipe de pais e professores do *Projeto Integrar*, encontrava-se constantemente para programar, organizar e avaliar o desenvolvimento das atividades.

No que se refere às atividades de *Formação e Informação*, a equipe do Projeto Integrar promoveu palestra com a temática “Relação entre pais e filhos na atualidade”, na qual além de ouvir a palestrante, os participantes puderam interagir mediante questionamentos e dinâmicas de grupos. A equipe colaborou também com a organização de uma atividade denominada *Café Cultural* realizado juntamente com o *Projeto Sebo* idealizado e coordenado pelas professoras da área de Língua Portuguesa. Nesse

evento, além da venda e troca de livros, CDs e DVDs, foram desenvolvidas atividades culturais como apresentações de danças, músicas e exposição de telas pintadas por alguns alunos da escola.

Além de atividades culturais e de lazer, o *Projeto Integrar* atuou também visando promover *Contribuição aos Processos Pedagógicos em âmbito intra-escolar*. A partir de descontentamentos manifestados por pais, alunos e professores, o *Projeto Integrar* foi convidado a contribuir com a criação de mecanismos que visassem minimizar os problemas apresentados pelas turmas de 5º ano (2007). A equipe ponderou que, inicialmente, o melhor procedimento seria identificar as percepções dos sujeitos envolvidos no processo. Assim, realizou-se uma coleta de dados com professores, pais/responsáveis e alunos, visando a uma melhor compreensão dos fatores desencadeantes de insatisfação no âmbito dos três segmentos, para posterior intervenção.

Para a realização deste trabalho utilizamos como procedimento metodológico a técnica de “Grupo Focal”, na qual foram propostas aos professores, alunos e famílias reflexões sobre as dimensões positivas e negativas vivenciadas no espaço escolar. Essa proposta procurou ouvir as diferentes vozes dos sujeitos envolvidos com o intuito de desencadear reflexões voltadas para a ressignificação de posturas sustentadas por esses sujeitos.

Após a coleta de dados, a Comissão procedeu às etapas de registro, categorização e análise dos problemas apresentados. Em seguida, elaboraram-se proposições voltadas para os três segmentos: alunos, famílias e professores. Consolidamos todas as fases do trabalho em um relatório e apresentamos à direção, visando contribuir com ações de caráter global para a *Gestão da escola*.

Vale ressaltar a importância da postura ética durante todo o processo, uma vez que a comissão cuidou para não haver exposição de situações particulares, solicitando o anonimato dos sujeitos e das disciplinas a serem enfocadas nas falas dos depoentes.

Acreditamos que esse trabalho legitimou a contribuição dos pais/responsáveis nos diversos espaços da escola, uma vez que todas as atividades descritas foram realizadas de forma participativa e coletiva pelas famílias e pelos gestores, professores e funcionários da escola. Seguramente as ações do *Projeto Integrar* colaboram significativamente para a cultura da participação das famílias na escola, apontando caminhos para a intensificação dos mecanismos de democratização da *Gestão*.

Acredita-se que tal proposta evidencia concepções e posturas democráticas. Nesse sentido, optar por uma gestão democrática é, necessariamente, abrir espaços para a participação de todos os sujeitos envolvidos na instituição, de modo que o exercício da escuta, da ponderação, da argumentação e do respeito a diferentes pontos de vista seja praticado.

Considerações finais

No decorrer das reflexões colocamos em evidência aspectos relacionados às singularidades e confluências de dois espaços de formação do sujeito: a escola e a família. Entendendo também que esses dois espaços, independentes de sua composição e forma, ocupam um lugar importante na formação do sujeito, foram problematizadas questões relativas à sua constituição.

Colocamos em relevo encaminhamentos e experiências vivenciadas por uma escola pública para mediar esta questão. Compreender esses processos, analisar seus efeitos e sua dinâmica, muitas vezes difusa no cotidiano escolar, constitui um grande desafio que temos pela frente. Não pretendemos assumir uma postura de *nonsense*, de forma acrítica e romântica acerca das dificuldades de democratização da gestão, sobretudo quando temos, em nosso entorno, práticas antidemocráticas da sociedade capitalista em suas múltiplas dimensões.

Contudo, a partir das utopias, construindo sua materialidade, na busca e na crença da escola pública de qualidade é possível consolidar mudanças no seu interior. Não se trata de metas idealistas ou abstratas, mas passíveis de concretização, dependendo, para tanto, dos compromissos e condições ensejadas pelos vários sujeitos envolvidos, sobretudo pais/responsáveis, professores, alunos e gestores. Essa é uma tarefa multidisciplinar, coletiva, ininterrupta e incessante que requer a participação de todos/as comprometidos/as com a produção de mecanismos para a garantia de uma escola pública, socialmente referenciada, que possibilite o acesso, a permanência e o sucesso escolar dos alunos que nela estão inseridos.

Recebido e aprovado em maio de 2009.

Notas

- 1 O Projeto Integrar originou-se em 2006 e desenvolve atividades desde então, envolvendo a participação de pais/responsáveis por alunos de 7º, 6º e 5º anos, professores e demais membros da equipe psicoeducacional da Eseba. A coordenação é composta por representantes dos docentes e dos pais/responsáveis, a saber: Profa. Ms. Lucianna Ribeiro de Lima (SEAPPS – 2006-2009); profa. Maria Lúcia Silva (Caro Aluno – 2006-2007); Profa. Ms. Hosana S. Curtt Silva (Coordenadora Pedagógica do 2º e 3º Ciclos – 2008); Profa. Lúcia Helena de Paula Menezes (Caro Aluno – 2009); Maria Vieira Silva e Cláudia Aparecida M. Mariano (representantes dos pais/responsáveis – 2006-2009). Em 2009, participam da Comissão cerca de 20 representantes, sendo o público alvo formado por 230 alunos, seus familiares e professores.
- 2 Este é o início de um longo caminho a percorrer com vistas à participação efetiva das famílias na gestão da escola. Esta proposta compõe o Plano de Gestão da Eseba (2007-2011).

Referências

- APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: abr. 2009.
- MINUCHIN, Salvador. **Pobreza, Institución, Familia**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000.
- PARCERIA escola-família. Produção de Carlos Alberto de Medina. In: **Programa Salto para o Futuro**. Rio de Janeiro: TV Escola, 2002.
- MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papyrus, 2000.
- PARO, Vitor Henrique. Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?. In: PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.
- PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SILVA, Maria Vieira. Gestão Democrática: contribuições e omissões da LDB (Lei 9.394/96) in: **LDB: balanços e perspectivas para a educação brasileira**. Campinas: Alínea, 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Anexo - Fotos

Foto 1

Piquenique no Parque do Sabiá (2006)



Foto 2

Passeio ecológico no Parque Siqueirolli com a participação do Grupo de Escoteiros do Triângulo (2006)



Foto 3

Caminhada ecológica no Parque do Sabiá (2007)



Foto 4

Caminhada ecológica no Parque do Sabiá (2007)



Fotos do arquivo do Projeto Integrar (Eseba/UFU).

Family participation in school *Contributions to the process of management democratization*

ABSTRACT: The article focuses on alternatives for democratic management identifying shape and content of the new compositions from macro-social determinations and from the legal and real dynamics that process themselves in the school. The participation of families in the process of management democratization through the Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia's "Projeto Integrar" is focused. The reflections highlight advances in management democratization, considering the rocky ground of democracy caused by neoliberal political manifestations and deconstruction of democratic pathways.

Keywords: Democratization. School management. Family and school.

La Participation de la famille dans l'école *Des contributions au processus de démocratisation de la gestion*

RÉSUMÉ: Cet article porte sur les alternatives de la gestion démocratique en identifiant la forme et le contenu des nouvelles compositions à partir des déterminations macro-sociales et de la dynamique légale et réelle qui se produisent à l'école. Il y est question de la participation des familles dans le processus de démocratisation de la gestion moyennant le « Projeto Integrar » de l'Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Ces réflexions mettent en évidence les progrès de la démocratisation de la gestion en prenant en compte les terrains sableux de la démocratie produits par les manifestations des politiques néolibérales et la déconstruction des voies démocratiques.

Mots clé: Démocratisation. Gestion scolaire. Famille et école.

La participación de la familia en la escuela *Contribuciones al proceso de democratización de la gestión*

RESUMEN: El artículo enfoca alternativas de la gestión democrática identificando forma y contenido de las nuevas composiciones a partir de las determinaciones macro-sociales y de la dinámica legal y real que se procesan en la escuela. Se enfoca la participación de las familias en el proceso de democratización de la gestión mediante el "Projeto Integrar" de la Escola de Educação Básica de la Universidade Federal de Uberlândia. Las reflexiones colocan en relieve avances en la democratización de la gestión, considerando los arenosos terrenos de la democracia ocasionados por las manifestaciones de las políticas neoliberales y desconstrucción de las vías democráticas.

Palabras-clave: Democratización. Gestión escolar. Familia y escuela.